

Nos labirintos de Eco

"Di fronte a un libro non dobbiamo chiedere cosa dica, ma cosa vuol dire"
(Umberto Eco, *Il Nome della Rosa*)

- **INTRODUÇÃO**
 - [1 - Obrigações do intérprete e intenções do autor](#)
 - [2 - Eco quis iludir a grande massa de seus leitores](#)
 - [3 - Selecionando os leitores](#)
 - [4 - O público visado: umas sete pessoas](#)
 - [5 - Pode uma obra-aberta conter uma determinada mensagem?](#)
 - [6 - A mensagem escondida em um labirinto](#)
 - [7 - O romance como fato cosmológico](#)
 - [8 - A gênese de "O Nome da Rosa"](#)
 - [9 - Nosso trabalho](#)
- **CAPÍTULO I - Édipo e Tirésias**
- **CAPÍTULO II - Labirintos e símbolos**
 - [1 - O labirinto no romance de Eco](#)
 - [2 - Os labirintos e os livros](#)
 - [3 - Labirinto e Biblioteca](#)
 - [4 - O mundo é um livro](#)
 - [5 - Biblioteca, História e labirinto apocalíptico](#)
 - [6 - Maldade ou bondade da biblioteca da Abadia](#)
 - [7 - A Abadia, o mundo e a História](#)
- **CAPÍTULO III - O labirinto da história**
 - [1 - O labirinto dos eventos](#)
 - [2 - O labirinto religioso](#)
 - [3 - O labirinto econômico](#)
 - [4 - O labirinto do poder político](#)
 - [5 - O labirinto eclesiástico](#)
 - [6 - O labirinto doutrinário ou do saber](#)
 - [7 - O labirinto da alma](#)
- **CAPÍTULO IV - O labirinto dos eventos**
- **CAPÍTULO V - O labirinto religioso**
- **CAPÍTULO VI - O labirinto econômico... ou dos marginalizados**
- **CAPÍTULO VII - No labirinto do poder**
 - [A luta entre "os cães e os pastores"](#)
- **CAPÍTULO VIII - No labirinto Vaticano**
- **CAPÍTULO IX - Na biblioteca. O labirinto do saber. O problema da Verdade**
 - [A - O problema da Verdade](#)

- [B - O labirinto da Filosofia](#)
 - [C - Na Biblioteca](#)
 - [CAPÍTULO X - Na biblioteca, um labirinto esotérico](#)
 - [CAPÍTULO XI - Tirésias reencontra Édipo](#)
 - [BIBLIOGRAFIA](#)
-

[INTRODUÇÃO](#)

O livro **O Nome da Rosa** certamente foi o mais lido na década 80-90 e, muito provavelmente, o menos compreendido. Milhões de leitores foram cativados pela misteriosa trama policial do romance, lendo muito em diagonal os áridos diálogos filosóficos que entremeiam os crimes da abadia imaginada por Eco. Outros se intrigaram com os significados cambiantes da obra e se perguntaram qual o seu sentido mais profundo. Se existia um sentido mais profundo, desejado pelo autor...

Os críticos, em geral, lembraram que era próprio de uma obra aberta ser essencialmente ambígua e, portanto, susceptível das mais variadas interpretações.

O desnorreamento e o interesse foram tais que Eco julgou conveniente publicar as suas "**Postille a Il Nome della Rosa**" (**Pós-escrito a O Nome da Rosa**, que citaremos sob a abreviatura "P"), que poucos esclarecimentos trouxeram à massa dos leitores, embora fornecendo algumas preciosas confissões.

Com este ensaio, objetivamos dar algumas informações, além de uma interpretação, que possam ajudar o grande público a melhor compreender o romance de Eco.

[1 - Obrigações do intérprete e intenções do autor](#)

Ao procurar interpretar uma obra, é obrigatório considerar, em primeiro lugar, o que o próprio autor disse de suas intenções ao escrevê-la. Porque é natural que ele queira ser entendido. E se, não sendo compreendido, publica um Pós-escrito elucidativo, é porque deseja afinal que fique mais claro o que quis dizer. A menos que o autor tenha a intenção expressa de confundir os seus leitores...

[2 - Eco quis iludir a grande massa de seus leitores](#)

Nas suas **Postille a Il Nome delle Rosa**, Eco fornece alguns indícios importantes sobre seus objetivos ao fazer o romance. É certo que ele pretendeu dar à sua obra toda a ambigüidade de uma obra aberta. Desejou fazer um texto capaz de "gerar leituras sempre diversas, sem nunca esgotar-se plenamente" (P.13). Para Eco, o romance "é máquina para gerar interpretações" (P.8). Por isso mesmo, ele se recusa a "oferecer interpretações de sua obra" (P.8). Em contrapartida, não pretende impedir, nem negar, qualquer interpretação que se faça.

Ele informa ainda que não quis dar a seu livro o título de "A abadia do crime" porque essa escolha teria enganado alguns leitores. Porém, diz depois que "um título deve confundir as idéias e nunca discipliná-las" (P.9). Mais ainda, ele afirma que a trama policial do livro "ilude o leitor ingênuo até o fim" (P.45).

[3 - Selecionando os leitores](#)

O grande êxito de **O Nome da Rosa** consistiu em ter sido um livro lido por multidões, embora escrito para poucos.

Propositadamente, Eco manteve no texto longos trechos didáticos que os editores queriam eliminar. Segundo o autor, as primeiras páginas deveriam ter uma "função penitencial, iniciatória". Pior para os leitores que não suportassem: "permaneceriam nas encostas da colina" (P.36). Isto faria uma primeira seleção.

[4 - O público visado: umas sete pessoas](#)

Evidentemente, Eco desejava que seu livro fosse muito lido. Ninguém escreve para não ser lido. Entretanto, ele afirma que sua obra foi dirigida para um público surpreendentemente reduzido. "Se antes de O nome da rosa alguém me perguntasse para que público ele era destinado, eu diria que a quatro ou cinco medievalistas e talvez um ou dois cardeais" (U. Eco em entrevista à revista Veja 19/VII/89 p.5)

Não se poderia ser mais elitista. Isto é, somente Borges imaginou ser tão elitista ou esotérico. Certa vez ele combinou "a elaboração de uma novela na primeira pessoa, cujo narrador

omitisse ou desfigurasse os fatos e incorresse em diversas contradições que permitissem a poucos leitores - a muito poucos leitores - a adivinhação de uma realidade atroz ou banal" (Jorge L. Borges, Ficciones -1944- Tlon Uqbar, Orbis Tertius, Obras completas, 1923 - 1972, Emece editores, Buenos Aires, 1974, p.431). (O sublinhado e a tradução são nossos).

A obra "O Nome da Rosa" é, ao mesmo tempo, uma obra-aberta e um livro-mensagem. E com endereço muito particular.

5 - Pode uma obra-aberta conter uma determinada mensagem?

À primeira vista, a resposta a essa questão parece ser "não". Obra-aberta é aquela que, por sua estrutura, permite um sem número de leituras diversas, sem violentar o texto, elaborado pelo autor com intencional ambigüidade. Em contraposição, obra-fechada é aquela construída para ter um só e determinado significado. Parece pois que uma exclui a outra, e que não seria possível existir uma obra-aberta com uma mensagem expressamente desejada pelo autor.

Entretanto, o próprio Eco afirma que o Finnegans Wake de Joyce é uma obra-aberta que contém, todavia, um sentido oculto desejado pelo autor. Eco lembra que, embora Joyce tenha redigido sua obra com o máximo de ambigüidade, "isto não significa que a obra não tenha um sentido: se Joyce nela introduz chaves, é exatamente porque deseja que a obra seja lida em um certo sentido. Mas, esse sentido tem a riqueza do cosmos, e o autor quer ambiciosamente que ele implique a totalidade do espaço e do tempo, dos espaços e dos tempos possíveis. O instrumento príncipe desta integral ambigüidade é o "pun", o "calembour" (U. Eco, Opera Aperta, Bompiani, Milão, 1962, VI ed.p.43).

Portanto, é possível existir uma obra-aberta contendo uma determinada mensagem do autor, subjacente às mil interpretações possíveis. O autor, entretanto, teria que fornecer a chave para que certos leitores pudessem atingi-la. Um livro assim construído seria uma obra-aberta de um tipo particular.

Seria O Nome da Rosa uma obra-aberta desse tipo?

Que o romance de Eco é uma obra-aberta, não há dúvida alguma. Que ele tenha destinatários certos - quatro ou cinco medievalistas, e um ou dois cardeais - o próprio Eco o diz. Aliás, a própria editora Bompiani - certamente com a anuência do autor - apresenta O Nome da rosa como "gothic novel, crônica medieval, romance policial, narrativa ideológica cifrada, alegoria, (...)" (U. Eco, Opera aperta, ed. cit. p. 310, O sublinhado é nosso).

O Nome da Rosa foi apresentado, então, como uma obra-aberta cifrada, contendo uma mensagem oculta. Trata-se pois de encontrá-la no labirinto de interpretações possíveis de uma obra-aberta. Para isso, é preciso encontrar, antes de tudo, as chaves que o autor deixou em seu texto e nas suas Postille.

[6 - A mensagem escondida em um labirinto](#)

A multiplicidade de leituras possíveis da obra de Eco forma um verdadeiro labirinto.

"Até o leitor ingênuo farejou que se encontrava diante de uma história de labirintos, e não de labirintos espaciais" (P.47), diz Eco. Ele distingue três tipos de labirintos:

- a) - O labirinto grego, no qual há um só caminho, da entrada ao centro;
- b) - O labirinto maneirista, semelhante a uma árvore que se esgalha em seus ramos e raízes. Nesse tipo de labirinto há muitos caminhos falsos. Porém, "a saída é uma, mas pode enganar" (P.47);
- c) - A rede ou rizoma, labirinto no qual todos os caminhos se interligam. Nele não há um centro, nem periferia. "Um labirinto (...) que conduza a toda parte e não leve a lugar algum" (U.Eco, II Pendolo di Foucault, Bompiani, Milano, 1988, p.415. A tradução é nossa).

Qual destes labirintos utilizou Eco em O Nome da Rosa? Ele mesmo o diz: "O labirinto de minha biblioteca é ainda maneirista, mas o mundo em que Guilherme pensa viver é estruturado em forma de rizoma" (P.47). Portanto, labirinto maneirista para a biblioteca e rizoma para o mundo medieval em que Frei Guilherme pensa viver. Um labirinto maneirista, num mundo imaginado como rizoma.

A ação de O Nome da Rosa gira em torno da biblioteca de uma abadia medieval. Esta é tomada como um símbolo do mundo e o que nela se passa é uma imagem da história. Daí o romance de Eco ser um fato cosmológico (P.47). Entretanto, para Eco, a História parece ser um labirinto-rizoma, um labirinto cujos caminhos não conduzem a lugar algum e não contêm mensagem nenhuma.

[7 - O romance como fato cosmológico](#)

Contando episódios que teriam se passado na Idade Média, Eco retrata, na narração, sua própria visão da História. Com isso, ele se vê à vontade para utilizar um esquema apocalíptico, dado que no livro do Apocalipse é profetizada a História do mundo. Em decorrência disso, ele adapta certas circunstâncias dos crimes da abadia às palavras proféticas anunciadas pelas sete trombetas do Apocalipse (P.25).

Ora, segundo a tradição apocalíptica, o fim do mundo virá por meio de um grande incêndio universal. No final da Idade Média compôs-se a famosa seqüência sobre o fim dos tempos e o Juízo final:

*"Dies irae, dies illa
solvat saeculum in favilla,*

teste David cum Sybila."

...que tão bem refletia as angústias do fim de uma época histórica, imagem do fim do mundo.

Portanto, a História do mundo e a história de **O Nome da Rosa** deveriam terminar com um grande incêndio: "(...) que no final, o edifício devesse incendiar-se, isto era claro para mim, inclusive por razões histórico-cosmológicas", confirma Eco nas **Postille** (P.27).

A Idade Média assistiu, em sua agonia, a um grande debate filosófico-religioso. Perdido o equilíbrio do tomismo, o homem medieval caiu em dois extremos opostos. De um lado, estavam os humanistas racionalistas de tendência panteísta, cuja figura-símbolo foi Frei Guilherme de Ockham, um Édipo moderno. Tais humanistas cultuavam o Homem como supremo valor e medida de um universo divino. Queriam destruir a sociedade medieval teocêntrica e estabelecer uma nova cosmovisão antropocêntrica. Julgavam que, graças à ciência e à técnica, o homem seria capaz de vencer todas as misérias do mundo, até criar uma era de grande prosperidade material e de completa felicidade natural. Eles punham essa esperança no Homem, redentor de si mesmo, construtor da Utopia.

Do lado oposto, situavam-se os místicos de tendências gnósticas, cuja figura mais característica foi, nessa época, Mestre Eckhart. Esses místicos tinham uma visão extremamente pessimista da realidade. Para eles, o mundo era intrinsecamente mau e irredimível por ser obra de um deus perverso, distinto da Divindade. Entre a Divindade boa e o mundo, haveria um abismo absoluto. Se a Divindade era o Ser, o mundo criado seria o Nada. Se o mundo das criaturas era formado por seres, então a Divindade era o Nada absoluto (Cfr. **Sermões de Mestre Eckhart**, introduction et traduction de J. Ancelet-Hustache, Seuil, Paris, Sermão **Quasi Stella matutina**, p. 102 e Sermão N. 23, p. 201. Cfr. V. Lossky, **Théologie négative et connaissance de Dieu chez Maître Eckhart**, Vrin, Paris, 1973).

Para estes místicos, a razão humana era má e só seria desejável perder-se no Nada divino. O demiurgo, criador mau, dotara o homem de razão para que esta o enganasse, apresentando-lhe o mundo como inteligível e, portanto, como bom. A ciência e a técnica eram ilusórias. A redenção seria obtida por uma fuga mágica do mundo real. A saída não estava numa Utopia futura, e sim na volta ao Paraíso original. O homem não deveria pretender construir um Reino neste mundo; pelo contrário, o Reino deveria ser o fruto do retorno ao passado primevo, ao Éden original adâmico, o que só se poderia obter por uma irrupção divina na História, nunca por força do intelecto.

Nas Universidades do fim da Idade Média, ockhamistas e eckhartianos se digladiavam. Nos tribunais da Inquisição, eles testemunhavam uns contra os outros, acusando-se mutuamente de heresia. O Papa João XXII condenou tanto uns quanto outros.

As condenações papais não puseram fim ao embate entre místicos gnósticos e racionalistas panteístas, entre herméticos e positivistas. Aliados contra o inimigo comum - a Igreja de Roma - logo que detinham o poder em algum lugar, imediatamente se entredevoravam. Como dois fios de carga elétrica oposta, ao se unirem desencadeavam uma faísca brilhante, mas imediatamente em seguida se repeliam. Foi o que se assistiu na Reforma protestante, no Renascimento, e mais tarde, de novo, na Revolução Francesa e, finalmente, no século XX, com a aliança nazista-comunista, logo seguida pela guerra entre a Alemanha e a União Soviética. De fato, na segunda guerra mundial, houve um entrechoque sangrento entre uma força claramente gnóstica e anti-racional - o Nazismo - e outra corrente racionalista e materialista, o marxismo. Inicialmente aliados, Nazismo e Comunismo logo se repeliram numa luta atroz. A corrente gnóstica foi vencida, porém não desapareceu. Sob outros nomes, dividida em minúsculos grupelhos de caráter mágico e esotérico, a Gnose fermentava nos porões da chamada cultura moderna, até que a inesperada queda do muro de Berlim e o desmoronamento do império comunista a trouxeram de volta à superfície da História. A Mass-Mídia imediatamente trocou os slogans socialistas pelo "Eu creio em duendes". Arquivou as abstrusas e imbecis teorias do obsoleto Marx, passando a divulgar as imbecis e abstrusas teorias esotéricas.

Conforme Eco, "o filão hermético, e o pensamento de semelhança universal, continua paralelamente ao pensamento da quantidade, muitas vezes se entrelaça com ele, mais comumente se opõe a ele, e nem sempre em surdina, nem sempre como pensamento menor e escondido sob aparências bizarras" (U. Eco, Introdução ao livro L'Idéia Deforme, interpretazioni esoteriche di Dante, a cura di Maria Pia Pozzato et alii, Bompiani, Milano, 1989, p 10).

Eco mostra ainda que: "Na história do pensamento ocidental, deram-se casos evidentes, nos quais o filão hermético ia diretamente nutrir alguns dos grandes sistemas do idealismo transcendente e/ou inteiros filões de prática hermenêutica" (U. Eco, L'Idéia Deforme, p.10).

Pode-se então dizer que, na História, é possível encontrar a ação de duas correntes de pensamento opostas e cooperantes, que se enroscam uma na outra como as duas serpentes do caduceu de Hermes: a corrente gnóstica, analógica e irracional, e a corrente racionalista, ambas combatendo a Igreja Católica, ambas aliadas contra ela.

Como se concluirá essa luta? Na perspectiva histórica em que Eco escreveu **O Nome da Rosa**, havia quem pensasse que seria com um incêndio atômico, desencadeado por algum místico cego e louco, desesperado com a vitória - que parecia iminente - da corrente racionalista sua inimiga...Pelo menos essa era uma hipótese plausível no tempo em que Eco escreveu seu livro, nos tempos da guerra fria, quando a URSS era um espantalho ameaçador nas telas de TV e nas páginas dos jornais, que anunciavam com estardalhaço as façanhas astronáuticas e foguetórias da Rússia comunista, deixando de noticiar, porém, que lá não havia nem manteiga, nem fósforos...

[8 - A gênese de "O Nome da Rosa"](#)

"Comecei a escrever em março de 1976, movido por uma idéia seminal. Eu tinha vontade de envenenar um monge", diz Eco nas **Postille** (P.15). Seria esse "monge" real? Seria ele realmente um monge? Seria o desejo de Eco puramente literário? Pouco importa. O certo é que ele não poderia dizer como Beatriz a Virgílio: "Amor mi mosse che mi fa parlare" (Dante, Inferno, II,72).

Movido por ódio contra um "monge", antes mesmo de fazer o esboço de seu livro, Eco escreveu a Introdução (P.20). Nela se podem encontrar, talvez, indícios desse ódio mortal, que dêem alguma idéia a respeito do tipo humano que o autor queria envenenar.

Ora, essa **Introdução** é extremamente interessante. Nela, Eco imita claramente o estilo do famoso escritor argentino Jorge Luís Borges. Pois era próprio desse escritor contar que encontrara uma obra rara, numa velha biblioteca, no qual se citava um manuscrito perdido há muito tempo, no qual, por sua vez, se dava notícia de uma outra obra, à qual, quando encontrada, faltava precisamente a página citada, e etc. E, em sua **Introdução**, Eco usa o mesmo sistema, além de falar de espelhos e de labirintos, outras duas obsessões de Borges.

Não bastasse isso, há claras semelhanças entre o monge Jorge de Burgos, o vilão de **O Nome da Rosa**, e Jorge Luís Borges. Não são apenas os nomes que se parecem. Ambos são cegos. Ambos, bibliotecários. Ambos, anti-racionalistas.

Eco não quis esconder, nem negou essa ligação.

"Todos me perguntam por que o meu Jorge, pelo nome, evoca Borges, e por que **Borges é tão perverso** (Sic!). Mas eu não sei. Eu queria um cego como guardião de uma biblioteca (...) e biblioteca mais cego só pode dar Borges, mesmo porque **as dívidas se pagam**" (P26. O sublinhado é nosso).

Nesse texto, queremos salientar:

- 1 - a afirmação de que, de fato, Eco pretendeu representar Jorge Luís Borges no monge cego, Jorge de Burgos.
- 2 - que ele considera perverso, não Jorge de Burgos, mas **Borges é que é perverso**, e ele não sabe o porquê.
- 3 - que ele aludiu a Jorge Luís Borges, para pagar uma dívida, porque "as dívidas se pagam".

Onde e como Jorge Luís Borges, o antigo poeta que cantou a Revolução Russa de 1917 e, depois, apoiou a República Roja espanhola em 1936, para, enfim, se tornar discípulo do maior especialista em Cabala no século XX, Gershom G. Scholem, onde e como o racionalista que se tornou místico gnóstico atacou o racionalista Eco? Que houve entre eles, para Eco falar em dívidas, e fazer questão de pagá-las?

Eco se queixa. Acreditê-mo-lo. O que importa é saber que em **O Nome da Rosa** ele quis pagar uma dívida que tinha com Borges. Dívida literária? Dívida ideológica? Dívida política? E Eco

pagou a dívida identificando seu credor gnóstico com o monge cego e fanático, com o assassino Jorge de Burgos.

Poder-se-ia então perguntar: seria Borges a pessoa que Eco odiou a ponto de querer envenená-la? Mas, Borges não era monge...

Também Eco não é monge, e, entretanto, ele termina as **Postille** dizendo: "Cada um tem sua idéia própria da Idade Média. Só nós, monges daquela época, sabemos a verdade, mas, ao dizê-la, podemos ser queimados vivos" (P.65 O sublinhado é nosso).

Evidentemente, a palavra "monge" tem aí um sentido figurado ou irônico, pois Eco não é monge. Não se poderia dizer, de modo figurado ou irônico, por alguma razão analógica qualquer, que Borges também não é "monge"? E quem é esse misterioso "nós"? A que "ordem" Eco e Borges teriam pertencido? É claro que um autor "semiótico" não quer dizer nada do que diz, o que lhe permite rir de qualquer interpretação que se faça do que ele afirma. É muito cômodo, pois permite-lhe dizer o que bem quiser, sem risco de afirmar nada. Mas, não cremos que as palavras "ordem" e "monge" escondam realmente algo de importante. Julgamos que provavelmente sejam apenas brincadeiras de um autor de obra-aberta...

Há ainda outra coincidência entre o cego Jorge de Burgos e Jorge Luís Borges: ambos tinham tendências místicas profundas que os colocavam no campo adverso ao do racionalismo. Quer na filosofia, quer na política, Jorge Luís Borges, especialmente no fim de sua vida, tomou inúmeras posições anti - esquerdistas e anti-comunistas. Declarou-se mesmo simpático a Pinochet, o que lhe valeu uma onda de recriminações, e, possivelmente, a perda do prêmio Nobel de literatura.

Por sua vez, Jorge de Burgos não hesita em usar até veneno para combater o racionalismo. Seu ódio à razão o levava a considerar Aristóteles e o próprio São Tomás de Aquino como racionalistas e, no fundo, inimigos da religião (Cfr. R.532).

Nesse ódio à razão, quer em Borges, quer em Jorge de Burgos, nota-se uma tendência que os aproxima das posições assumidas pelos grandes movimentos gnósticos da Idade Média... e do século XX.

[9 - Nosso trabalho](#)

Este pequeno ensaio teve origem em palestras que pronunciamos em faculdades paulistas, em 1988. Considerando as reações favoráveis dos auditórios universitários e o grande interesse despertado pelo livro de Eco, do qual não conhecemos interpretação satisfatória, julgamos útil publicar nossa leitura de "**O Nome da Rosa**".

Para facilitar o cotejamento das citações, usamos a edição brasileira da obra de Eco (Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1983, 18ª edição), embora se trate de uma tradução lamentável. Citaremos essa edição pela abreviatura "R", seguida da página citada.

Da mesma forma, citaremos a versão em português das **"Postille al nome della Rosa**, publicada pela mesma editora, em 1985, sob o título de **"Pós-escrito a 'O Nome da Rosa"**, que citaremos pela abreviatura "P", com o número da página da citação.

O livro de Eco pressupõe um largo conhecimento da Idade Média, envolvendo dados políticos, religiosos, filosóficos e estéticos. A fim de auxiliar os leitores, damos, no final deste trabalho, uma pequena bibliografia relativa aos temas abordados. Com base nela, o paciente leitor poderá verificar e completar as informações para fazer uma leitura mais proveitosa do livro de Eco, assim como aquilatar se alcançamos realmente o objetivo de guiá-lo **Nos labirintos de Eco.**

Sabemos bem que para a semiótica atual é discutível o que seja "uma boa interpretação" de um texto, ou mesmo se é possível existir uma interpretação verdadeira e boa de uma obra, especialmente se se trata de uma obra-aberta, e ainda mais cifrada (Cfr. Maria Pia Pozzato "L'Idée Deforme", p. 49).

Essa mesma posição é adotada também por Alberto Asor Rosa no Postfácio da mesma obra: "É evidente que a verdade do texto é um objetivo aproximável ao infinito e não um dado em si, imóvel, que se possa pensar em agarrar por inteiro de uma vez para sempre" ("L'Idée Deforme", 315).

"E quando digo "a verdade do texto(...) entendo propriamente aquela verdade, que o autor quis incorporar no seu sistema de sinais, e, se não quis, de fato incorporou, edificando aquela construção (Alberto Asor Rosa, Postfácio de L'Idée Deforme, 316).

E Regina Psaky, em sua contribuição para **L'Idée Deforme**, declara que "o meu primeiro pressuposto neste trabalho é que não existe uma "verdade única", e que não podemos reencontrar integralmente nenhuma relação histórica do passado na literatura" (Regina Psaki in L'Idée Deforme p.276).

Em conseqüência, ela afirma:

"A priori podemos considerar absurda (ou "pouco conveniente", para usar um eufemismo) uma coisa, sem que nosso juízo tenha algum efeito sobre a "bondade intrínseca" do trabalho, exatamente porque não existe bondade intrínseca. Nem o autor é capaz de transmitir sua verdade nem o leitor é capaz de captá-la" (Regina Psaki in op. cit. p.275)

Essa é uma posição relativista e cética que não aceitamos por razões filosóficas. Cremos na Verdade. Cremos na objetividade dela e cremos na eficácia do pensamento e da palavra humana capaz de atingir a Verdade e transmiti-la.

Aliás, mesmo para os semióticos.

"O fato que (para eles) a verdade do texto seja um objetivo aproximável ao infinito e não um dado em si, imóvel, não significa que se deva parar de procurar e agir a fim de que um reflexo da verdade emergja de quando em quando através da análise" (Alberto Asor Rosa in **L'Idée**

Deforme p. 316)

Embora os semióticos neguem a priori a bondade e veracidade de qualquer leitura de **O Nome da Rosa**, esperamos que nossa leitura permita vislumbrar um pequeno reflexo de Verdade nela existente malgrado o autor.

Teremos acertado com a saída dos labirintos de **O Nome da Rosa**? Se não acertamos, pelo menos, Eco terá satisfação em saber que foi elaborada uma conjetura a mais sobre a sua obra, ainda que negue sua objetividade.

Mas, se tivermos acertado com a saída talvez isso o desagrade tanto quanto a Minos ver Teseu saindo pela porta do labirinto de Creta.

Quanto a nós, teremos satisfação se nossas páginas puderem iluminar para o leitor - ainda que um tanto apenas - os obscuros caminhos dos labirintos de Eco. Ainda que fosse com um vislumbre - um "barlume" - da Verdade objetiva. Seria como a alegria de resolver um quebra-cabeças. Ainda que nossa interpretação irritasse o autor do labirinto. Ou por isso.

CAPÍTULO I ÉDIPO E TIRÉSIAS

Édipo e **O Nome da Rosa** parecem tão pouco relacionados quanto distantes no tempo. E, contudo, estão profundamente ligados.

Os problemas humanos são, no fundo, os mesmos em todas as épocas e as divergências de Édipo com o cego Tirésias são repetidas em paralelo pelas de Frei Guilherme de Baskerville com o cego da biblioteca, o monge Jorge de Burgos.

Édipo é o racionalista que crê no poder ilimitado da inteligência humana. Tirésias é o místico iluminado por visões interiores, e que despreza a razão. Édipo, por seu lado, desdenha a visão mística:

*"Eu, Édipo, sem de nada saber
logo ao chegar, fiz a esfinge calar:
deslindei a questão pela razão
nem foi preciso consultar teus pássaros"*

e que acaba por odiar aquele que tem uma visão profética:

*"Olho de sombra sem fim,
não tens nenhum poder de malefício
contra quem pode ver a luz do dia".*

Por sua vez, Tirésias devolve a Édipo todo o seu desprezo e ataca a luz da razão como falsa:

*"Os dois olhos que tens pouco adiantam,
pois não vês a miséria que te cerca
(...)
em teus olhos, que hoje pensam ver claro,
terás então a treva irreversível"*

(Sófocles, Édipo Rei, Abril, S.Paulo, 1976).

Esse duelo continua em O Nome da Rosa entre as figuras de Frei Guilherme de Baskerville (uma das máscaras de Eco) e do monge cego Jorge de Burgos (máscara-símbolo de Borges). Como Édipo, Frei Guilherme é o nominalista que se julga capaz de tudo compreender, analisando os dados concretos. Jorge de Burgos, o cego da biblioteca, tudo conserva em sua memória, enquanto combate ferozmente o riso, próprio do ser racional.

A tragédia de Édipo é a do homem que julga tudo compreender, mas que ignora sua própria identidade. Que pensa ter conhecido o segredo da Esfinge, ter entendido o mistério do universo - o Homem -- mas que (Pobre Édipo!) não sabia que homem ele próprio era. É a tragédia de quem julga ter vencido a esfinge, porque lhe deu uma resposta que a fez precipitar-se no mar, deixando-lhe, contudo, fincada na cabeça, a ilusão racionalista. O cego Tirésias é que "enxergava" a verdade. Sem poder usar o mais elevado dos sentidos cognoscitivos, ele conhecera a realidade melhor do que Édipo, com todo o seu intelecto e os seus raciocínios.

A antiga tragédia grega proclama o triunfo da visão alógica do misticismo sobre a razão discursiva edipiana. Assim, ao constatar o fracasso da inteligência na busca da verdade, Édipo fura seus próprios olhos, num gesto simbólico de sua renúncia à razão.

Paradoxalmente, porém, a representação da figura de Édipo dialogando com a Esfinge, mostra-o numa encruzilhada -- lugar protegido por Hermes, deus da doutrina secreta e mística -- e

vestido como esse Deus. Édipo é mostrado sentado sobre um "hermaion" e tendo nas mãos um cajado hermético. Assim, o racionalista Édipo é, no fundo de seu ser, o místico Tirésias. Ambos se combatem e se admiram. Como Frei Guilherme de Baskerville e Jorge de Burgos. (Cfr.R531). E, em certo momento do romance, o jovem Adso de Melk constata que o racionalista Guilherme de Baskerville é "mais místico que Ubertino" da Casale (R242).

O mito de Édipo era, no fundo, uma forte acusação contra os deuses que governavam o universo. Tais deuses, jamais amados pelos gregos, traçavam destinos cruéis para os homens e se divertiam com as suas dores. o homem da tragédia grega era um mero instrumento material, sem liberdade, nas mãos do arbítrio dos deuses. Estes, sim, é que eram, na realidade, os únicos culpados por todos os crimes, por todos os incestos, por todos os parricídios.

O que a tragédia põe em evidência é a existência de duas correntes opostas, no mundo grego. Uma, a oficial, adorava o universo e seus deuses. Era uma corrente racionalista, e cultuadora da lógica. Dela, Édipo, o decifrador do mistério do homem, é o símbolo. A outra considerava o universo material como o labirinto-cárcere do homem, e tinha os deuses deste universo como arcontes malévolos. Dessa corrente amarga era símbolo o cego Tirésias. Esta corrente anti-racional, em lugar de Apolo, cultuava Dionísio. A primeira corrente era panteísta; a segunda era gnóstica. A primeira tinha o apoio do Estado, a segunda era esotérica e secreta.

Da existência dessas duas correntes dá testemunho o Pe. Festugière em sua célebre obra a respeito do Hermes Trismegisto. Diz ele que podem ser constatadas duas correntes no pensamento grego e no hermetismo: uma otimista, outra pessimista.

A corrente otimista é panteísta e considera o universo bom e mesmo divino. A pessimista é gnóstica e julga que o mundo material é mau e produzido por um demiurgo maldito, inimigo da Divindade, o qual teria encerrado as partículas da Divindade boa no cárcere da matéria.(Cfr. A.J.Festugière, **La Révélation d'Hermès Trismegiste**, Lib.Lecofre-Gabalda, Paris, 1953, Vol. III, pp. 37, 61, 73, 83).

A existência dessas duas correntes não se restringe ao mundo grego e nem mesmo ao mundo antigo. Como vimos, elas perpassam por toda a História, o que significa que são o resultado de posicionamentos errôneos que o homem pode tomar diante da realidade.

Com efeito, diante do ser, o espírito humano pode adotar três posturas:

1 - Considerar que o ser é unívoco.

Quando tal ocorre, o homem cai no panteísmo, visto que, então, tanto uma pedra quanto deus são igualmente seres. É a posição de Parmênides, na filosofia antiga. Desta postura decorria a adoração do universo e o desprezo do indivíduo. Tudo seria Deus. No mundo moderno, essa tendência panteísta, fruto de uma visão unívoca e igualitária do ser, conduziu à adoração do Homem e da Razão, último estágio da evolução. O cientificismo materialista e racionalista do mundo atual tem aí suas raízes, que historicamente principiaram com o nominalismo de Ockham.

2 - Considerar o ser como equivoco

Em conseqüência, afirma-se que o universo não tem nenhuma relação com o Ser de Deus. Ora, como ensina São Paulo na Epístola aos Romanos (I,20), "as perfeições invisíveis de Deus tornaram-se visíveis, depois da criação do mundo, e podem ser compreendidas por meio das coisas criadas". Afirmar que o ser é equivoco é negar qualquer possibilidade de compreender algo de Deus através das criaturas. Desemboca-se então no deísmo e, depois, no ateísmo.

Aprofundando-se essa segunda tendência, pode-se chegar a afirmar que os seres criados são tão dissemelhantes da Divindade que se poderia dizer que são contrários a Ela. Quando tal ocorre, o homem cai na Gnose. Esta considera que o universo é essencialmente mau por aprisionar as partículas da Divindade na matéria, nas malhas da Lógica e nas cadeias da Moral. Tais partículas eram chamadas de Fünkenlein por Mestre Eckhart, de Atmans pelos Brâmanes, de Éons pelos gnósticos dos primeiros séculos do cristianismo.

O Deus criador do universo seria o demiurgo mau. Ele teria dado a razão ao homem para que esta o enganasse. Compreendendo o mundo, o homem julgá-lo-ia bom, porque inteligível. O homem queria, por isso, permanecer neste mundo, e não desejaria retornar à Divindade da qual procedera. A libertação das partículas divinas aprisionadas na matéria exigiria a renúncia à razão, além da destruição da materialidade e da violação de todas as leis morais estabelecidas pelo Deus criador do universo. No extremo, desejar-se-ia a destruição de todo ser, de toda existência. A Gnose é anti-metafísica. Dessa posição anti-racional participam muitos e importantes movimentos do mundo atual. Delas o nazismo irracional e anti-metafísico é o exemplo mais trágico e mais criminoso. Na chamada "Civilização Moderna", as nascentes deste rio gnóstico se encontram em Mestre Eckhart.

3- Considerar o ser como análogo.

Isto significa que as criaturas do universo são seres, mas não do mesmo modo como Deus é Ser. Nas criaturas, pode haver vestígio, imagem ou semelhança de Deus. Nas coisas materiais e irracionais, há apenas vestígio de Deus pela ordem e bondade de seu ser; nos seres racionais e espirituais, há imagem de Deus, porque, como o Criador, esses seres têm inteligência e vontade; neles, ainda, pode haver semelhança, caso sejam obedientes à lei divina que os faz santos como Deus. Tal é a explanação de São Boaventura. (Cfr. S. Boaventura, Itinerarium mentis in Deum, I,2; II e III; Breviloquium, II, cap.III, n.1. **Obras Completas** de São Boaventura, Bac, Barcelona, vol. I, p. 248).

Portanto, entre os seres criados e Deus não há igualdade, nem identidade, mas apenas semelhança ou analogia. Essa é a doutrina católica sobre a analogia entre o Criador e as criaturas. Esta posição se opõe quer à concepção panteísta do materialismo racionalista, quer à concepção, anti-racional, anti-material e anti-metafísica da Gnose.

No decorrer da História o homem tem oscilado, como um pêndulo, entre dois erros: o racionalismo materialista e panteísta e o misticismo gnóstico irracionalista, passando da afirmação de que tudo é Deus, para a negação da existência do ser, ao afirmar que Deus é o nada.

Assim, a mesma oscilação e a mesma luta que o Padre Festugière detectou na antigüidade pagã, ressurgiu no final da Idade Média, na luta entre os espiritualistas, seguidores do gnóstico Mestre Eckhart, e os racionalistas nominalistas, discípulos do Guilherme de Ockham.

Após um curto período em que gnósticos místicos e racionalistas panteístas se harmonizaram em homens-símbolo como Lutero e Leonardo, a luta entre essas duas correntes recomeçou, fazendo de novo o Pêndulo da humanidade oscilar do polo panteísta ao polo gnóstico. A guerra movida por Lutero contra os místicos anabatistas seguidores de Münzer, assim como as divergências entre os renascentistas mágicos e os racionalistas são provas disso. O século de Descartes(1596-1650) e o do racionalismo foi também o de Jacob Boehme(1575-1624) e o de Pascal (1623-1668). Descartes friamente exaltava a razão. Pascal lhe respondia que o coração tem razões que a razão desconhece...

Leszek Kolakowsky, em seu livro sobre as seitas místicas do século XVII, mostra que elas tinham uma postura muito semelhante à dos gnósticos dos primeiros tempos do cristianismo e da antigüidade. Ao mesmo tempo, havia pensadores que defendiam uma posição racionalista e empiricista que, no fundo, negava todo o sobrenatural. (Cfr. L.Kolakowsky, **Chrétiens sans Église**, Gallimard, Paris, 1965, pp.23 a 63).

No século XVIII, o embate entre iluministas e iluminados que foi senão uma nova fase dessa guerra teológico-metafísica que percorre a História? De novo, o homem oscilou de Voltaire a Rousseau, de Diderot a Saint-Martin, do racionalismo deísta ou ateu da Enciclopédia à mística martinesista de Joseph de Maistre. Foi essa oscilação pendular que arrastou os revolucionários aos altares da deusa Razão com Hébert e os "Enragés", e até o campo de Marte para adorar o Ser supremo erguido por Robespierre, em oposição ao culto da Razão. Os "Enragés" queriam um comunismo ateu. Robespierre os guilhotinou e tentou instaurar um socialismo religioso, sentimental, místico e irracional. Dos "Enragés" de Hébert vieram o socialismo dito científico de Marx, o realismo e o naturalismo. De Robespierre vieram os socialistas utópicos e seus seguidores apoiaram o Romantismo cabalista e mágico, do qual nasceram depois a música de Wagner e a Gnose nazista de Hitler, enquanto do materialismo veio o comunismo de Lenin e de Stalin. Os nazistas e fascistas são filhos da mão direita de Hegel. Os comunistas o foram de sua mão esquerda.

Ontem ainda, esse movimento pendular já era notável. Roger Garaudy passou de mentor ideológico do PC francês ao misticismo afro e depois à mística gnóstica maometana. Muitos comunistas e marxistas passaram a freqüentar os terreiros de macumba. O comunista ateu e materialista Jorge Amado desempenha a função de Ogá num terreiro de candomblé, na Bahia, segundo informa Eco (Cfr. U. Eco, **Viagem na Irrealidade Cotidiana**, Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 8. ed., 1990, p. 125). O PC vai à Missa (Nova, evidentemente) e, na Nova Igreja, as Missas são transformadas em comícios do PT. Na cruz, se dependuram a foice e o martelo, enquanto João Paulo II, conforme Frei Leonardo Boff, utiliza categorias marxistas em suas encíclicas. (Cfr. Frei L. Boff, **O Caminhar da Libertação no Debate Atual**, Vozes, Petrópolis, 1985, p.76). Um ex-secretário do PC italiano, Berlinguer, punha seus filhos em colégios católicos, e frades propõem a "utilização do marxismo (materialismo histórico) pela teologia". (Frei L. Boff, **O Caminhar da Igreja com os Oprimidos**, Vozes, S.Paulo, 1988, p. 280).

Hoje, com o ruir do bloco comunista do leste europeu, parece que se caminha para uma fusão do racionalismo com a mística gnóstica. Ciência e magia são nos apresentadas em um estranho abraço. Gorbachev foi ao Vaticano, sendo lá recebido efusivamente pelo Papa. Por sua vez, João Paulo II há tempos diz que vai a Cuba... Os comunistas adotam o livre mercado, e o Ocidente liberal vive de modo materialista. E consultando horóscopos. E proclamando que crê em duendes. Um ministro brasileiro que perdeu uma eleição por se proclamar ateu, e que ficou presidente, agora supersticiosamente usa uma fitinha do Senhor do Bonfim amarrada no pulso, para dar sorte e pede que se tenha pensamento positivo...

O mundo parece tropeçar e cambalear, com alegria, em sofismas e mentiras, em direção a uma sociedade "aberta", na qual não haja valores objetivos nem verdades para as quais se deva viver e morrer, e onde, portanto, vale tudo, isto é, nada tem valor. Nem a vida.

Nessa "Nova Era", nesse novo mundo, diz Eco "é certamente lícito perguntar o que Tomás de Aquino faria se vivesse hoje, mas será necessário responder que, em todo caso, não reescreveria a Suma Teológica. Ajustaria as contas com o marxismo, com a física relativista, com a lógica formal, com o existencialismo e com a fenomenologia. Não comentaria Aristóteles, e sim Marx e Freud. depois mudaria o método argumentativo, que se tornaria um pouco menos harmônico e conciliante. E finalmente perceberia que não pode e não deve elaborar um sistema definitivo, fechado como uma arquitetura, mas uma espécie de sistema móvel, uma Suma com páginas substituíveis, porque em sua enciclopédia das ciências entraria a noção de provisoriedade histórica. Não sei lhes dizer se ainda continuaria cristão. Mas digamos que sim (...) Depois do que eu não queria estar em sua pele" (U. Eco, **Viagem na irrealdade cotidiana**, p.342). Eco escreveu isso antes do desmoronamento do império marxista... Sua "profecia" sobre o que faria São Tomás, pecou por "provisoriade" excessiva... Hoje nem os marxistas querem saber do velho barbudo Marx e de sua "Bíblia de imbecilidade e de ódio", como dizia Claudel.

Em suas obras **O Nome da Rosa** e **O Pêndulo de Foucault**, Eco trata exatamente desta problemática: a luta entre os dois inimigos do catolicismo, o racionalismo e o misticismo, entre o espiritualismo gnóstico-cabalista e o materialismo exaltador da razão. Seus dois romances vão das bibliotecas abaciais e dos antros esotéricos ao Museu da Ciência e da Técnica. Da Cabala, ao computador. Do candomblé ao laboratório de Física. E ele apresenta esses dois pólos como plenos de segredos. Ambos cheios de mistério. Ambos tão semelhantes como gêmeos antitéticos esotéricos. Ambos afirmando-se possuidores da verdade. Ambos criando labirintos em cujo centro há o vazio. Omite, porém, dizer que ambos se opõem à Igreja Católica e que contra ela se aliam.

Em **O Nome da Rosa**, Édipo se reencontra com Tirésias **Nos Labirintos de Eco**. Édipo, o gêmeo antitético de Tirésias. Tão semelhantes e tão contrários como um slide visto por seus dois lados opostos. Tão semelhantes e contrários como tese e antítese, numa filosofia dialética. Como duas maneiras do homem errar.

De sua luta resulta o incêndio do universo. Como se da luta entre o marxismo racionalista e o misticismo alógico, dos tempos em que Eco construiu sua abadia microcós mica, pudesse resultar um incêndio universal. Provavelmente atômico. Era o que muitos consideravam

possível no auge da guerra fria. Quando o muro de Berlim estava ainda de pé, e Marx esperava, na estante, que um S. Tomás moderno - um "São Tomás" à la Boff - ouvindo algum eco sugestivo, viesse comentá-lo.

Em Berlim, ruiu o muro. Marx envelheceu nas estantes e apodreceu nas almas que apodrecera. Frei Boff se libertou de sua batina e largou sua "Teologia". Não haverá o moderno São Tomás semiológico de Eco para comentá-lo.

CAPÍTULO II LABIRINTOS E SÍMBOLOS

1 - O labirinto no romance de Eco

"Até o leitor ingênuo percebeu que se encontrava diante de uma história de labirintos, e não de labirintos espaciais"(P.47). A frase é de Eco e revela a verdadeira estrutura de **O Nome da Rosa**. Uma história de labirintos. Sim, porque a história de **O Nome de a Rosa** "ramifica-se em muitas outras histórias, todas elas histórias de outras conjeturas, todas girando em torno da estrutura da conjetura enquanto tal. Um modelo abstrato de conjetura é o labirinto"(P46).

a - Conceito de labirinto

Em termos simples, que é um labirinto? É um jogo, em forma de figura ou de edifício, no qual se procura um caminho verdadeiro oculto entre mil caminhos claramente sugeridos, mas falsos. O labirinto esconde a verdade e oferece mentiras. Quanto mais habilmente ocultar a solução verdadeira, quanto mais ele for sedutor e enganador, mais ele será interessante. Pois o homem se encanta com a mentira, e principalmente com o sofisma enganador.

b - O labirinto de Creta

Quando se fala em labirinto, logo vem a mente aquele que o rei Minos mandou construir em Creta. Conforme a lenda, finda a construção, o rei prendeu nele o seu arquiteto Dédalo com seu filho Ícaro, para que, eles morrendo, não fosse revelado a ninguém o segredo da construção. Dédalo fabricou então, com cera e penas, asas para si e para seu filho, a fim de fugir voando, já que o labirinto de Creta era aberto. Antes da fuga, porém, ele preveniu Ícaro de que não se elevasse demais, pois o calor do sol poderia derreter a cera de suas asas. Afoitamente, o jovem Ícaro não seguiu os conselhos paternos e caiu no mar, onde morreu.

Por ordem de Minos, Dédalo havia prendido o Minotauro no labirinto. Este era um monstro de corpo humano e cabeça de touro, que se alimentava de carne humana. Periodicamente os atenienses deviam mandar para Creta sete rapazes e sete moças, para serem devorados pelo Minotauro.

Em certo ano, Teseu, filho de Egeu, rei de Atenas, foi designado entre os jovens que deviam ser devorados. Antes de partir para Creta, ele consultou o oráculo de Delfos que lhe anunciou que ele só sairia vivo do labirinto, caso se deixasse guiar pelo amor.

Chagando a Creta, Teseu recebeu a ajuda de Ariadne, uma das filhas de Minos, a qual lhe deu uma linha e uma espada. Assim, Teseu conseguiu não só matar o Minotauro, como também encontrar o caminho para sair do labirinto. Ao fugir de Creta, Teseu levou consigo Ariadne, que ele, depois, abandonou numa ilha.

c - Gnose e labirinto

Uma das interpretações dessa lenda é fornecida pela Gnose. Segundo ela, o labirinto simboliza o mundo material, e o rei Minos representa o demiurgo, criador do mundo, deus do mal, que aprisionou as partículas da Divindade na matéria tenebrosa. Toda a Gnose antiga, aliás, identificava o mundo com um labirinto, no qual o homem estava exilado e aprisionado. No labirinto do mundo material, o homem procurava uma saída, mas dificilmente a encontrava. Para sair de um labirinto, é preciso conhecer o caminho. Para sair do mundo, é preciso ter o conhecimento (a Gnosis) salvadora (Cfr. J.L.Borges, **A casa de Astérion**, assim como Gustave R.Hocke, **Maneirismo: o Mundo como Labirinto**, Perspectiva, São Paulo, 1979, pp 161 a 179).

As lendas de Teseu e de Dédalo sugerem duas maneiras para o homem libertar-se do labirinto do mundo:

1- A solução de Dédalo: o vôo místico.

Para sair do labirinto do mundo seria preciso voar, isto é, vencer o peso da matéria, anulando a lei da gravidade. Isto se faria pelo êxtase místico, no qual a alma é arrebatada pela divindade e voa para Deus, libertando-se do peso da matéria. Nesse vôo, dever-se-ia apenas ter um cuidado: não se aproximar demais do sol, isto é, da Divindade. caso essa aproximação fosse feita de modo mais rápido do que o devido, a alma recairia no mundo material. Ela se reencarnaria. Tal é o sentido da queda de Ícaro.

2- A solução de Teseu: o amor à Divindade pelo repúdio da mulher e da reprodução.

O segundo meio para escapar do labirinto do mundo seria o escolhido por Teseu. Uma interpretação superficial do oráculo e da lenda levaria a pensar que o amor que salvou Teseu do labirinto foi o amor a ou de Ariadne. Na realidade, a saída encontrada por Teseu consistiu em matar o Minotauro, isto é, o homem com cabeça de touro, ou seja, o homem dominado pela

idéia de reprodução, dominado pelo instinto sexual animal, simbolizado pelo touro. Os sete casais sacrificados ao Minotauro simbolizariam os jovens encaminhados ao casamento e à reprodução. Assim, para sair do labirinto do mundo material, seria preciso matar o instinto sexual. Por isso, Teseu matou o Minotauro e abandonou Ariadne. Seria por meio da superação do instinto sexual, pela renúncia ao casamento e à reprodução, que o homem se libertaria do mundo material, seu cárcere labiríntico.

Como vimos, a Gnose ensina que é por meio da perpetuação da espécie que o demiurgo mantém as partículas divinas presas na matéria. Essa é, por exemplo, a interpretação fornecida pela Gnose cátara e pela Gnose maniquéia (Cfr. Arno Borst, Les cathares, Payot, Paris, 1978, p.155-157; Cfr. Henri-Charles Puech, Sur le manichéisme et autres essais, Flammarion, Paris, 1979, p.66-67 e 413).

Somente pela renúncia ao ato sexual e à reprodução é que o homem conseguiria romper a cadeia de reencarnações que o acorrentam à matéria.

[2 - Os labirintos e os livros](#)

a - Todo livro é um labirinto ?

Todo livro é susceptível de duas leituras, pelo menos. Uma, a das palavras escritas; a segunda, a do que está nas entrelinhas. Além disso, como as palavras podem ser unívocas, análogas e equívocas, é sempre possível dar várias interpretações a um texto.

Isto não significa que todo livro pretenda propositadamente esconder seu sentido verdadeiro. Porém, embora nem todo livro queira enganar seu leitor, ele pode ser tido - pelo menos em certo sentido - como um labirinto, na medida em que seu sentido real seja mais ou menos difícil de ser alcançado, exigindo uma investigação mais profunda, para ser entendido objetivamente.

Além disso, na literatura atual, desenvolveu-se o que Eco chama de obra-aberta, isto é, uma obra que tem a "possibilidade de ser interpretada em mil modos diversos sem que sua irreprodutível singularidade seja alterada." (U. Eco, Opera Aperta, Bompiani, Milano, 1988, p.34. A tradução é nossa). O que não implica, como vimos, que não haja uma só mensagem ou leitura desejada pelo autor, que a oculta entre as mil leituras possíveis de sua obra. (Cfr. U. Eco, Opera Aperta, 43). Livros assim são propriamente labirínticos. Há autores, porém, que escrevem para que só alguns os entendam e propositalmente utilizam uma linguagem equívoca. É o que afirma Borges. É o que fez Eco em O Nome da Rosa. Pode se dizer que um livro assim é um labirinto "insondável como a verdade que guarda, enganador como a mentira"(Cfr. R,55). Esses livros, ocultando a única saída, a única interpretação verdadeira, oferecem mil falsas saídas sofisticadas.

Estas considerações podem ser aplicadas ao próprio livro escrito por Eco. Ele mesmo afirma que sua obra tem a estrutura de um labirinto, pelos seus múltiplos sentidos. Ou sem nenhum sentido.

"E é duro para este velho monge, nos umbrais da morte, não saber se a carta que escreveu contém algum sentido oculto, e se há mais de um, e muitos, ou nenhum".(Cfr. R,561). E vimos também que nas **Postille**, Eco assevera que até o leitor ingênuo percebeu que **O Nome da Rosa** é uma "história de labirintos" (P.47).

b - E a Bíblia é um labirinto ?

Evidentemente, a Sagrada Escritura não é um livro labirinto, no sentido de uma obra que propositalmente quer ocultar seu sentido objetivo mais profundo. Pelo contrário, Deus, na Bíblia, revela a verdade a seu respeito.

Entretanto, se todo livro, por sua dificuldade de interpretação, pode ser tido, em latu sensu, como um labirinto, mais que todos o é a Bíblia. E dos mais complexos. Nela não se pode entrar sem um guia. É a própria Escritura que o declara. Quando o Diácono Felipe foi enviado pelo Espírito Santo ao encontro do eunuco da Rainha de Candace, encontrou-o lendo o Profeta Isaias, e perguntou-lhe: "Entendes, porventura, o que lê?" "E como posso entender, se ninguém me explica?", respondeu o eunuco. (**Atos**, VIII,30-31).

É necessário um mestre para guiar o leitor na única interpretação verdadeira do livro sagrado, pois, embora susceptível de múltiplos sentidos, o texto bíblico tem uma única verdade.

Disto se aproveitam os gnósticos para afirmar que as Sagradas Letras tem um sentido oculto. Assim como a lâmpada irradia a luz, assim também, sob a matéria da letra, estaria escondida uma verdade secreta.

c- O labirinto do Apocalipse

Entre os livros da Sagrada Escritura o que possui caráter mais marcadamente "labiríntico" é o Apocalipse, único livro profético do Novo Testamento. Curiosamente, o livro mais misterioso da Bíblia, que contém em linguagem profética a História do Futuro, chama-se Livro da Revelação de Nosso Senhor Jesus Cristo. Uma Revelação que é muito misteriosa. Em sua estrutura septenária de cartas, trombetas, pragas, taças e selos, o espírito humano facilmente se perde, dificilmente atinando com o sentido próprio que, de fato, só será plenamente conhecido com a realização da profecia.

[3 - Labirinto e Biblioteca](#)

a - Toda biblioteca é um labirinto

Se todo livro pode ser considerado, *latu sensu*, como um labirinto, com maior razão deve-se dizer que uma biblioteca é um grande labirinto constituído por um número imenso de labirintos menores. Como encontrar, numa biblioteca, o fio condutor que leva à verdade? Em meio a tantas doutrinas contraditórias, a tantas teorias e a tantas opiniões diversas, onde encontrar a única interpretação objetiva do labirinto do saber?

Numa biblioteca, há livros que dizem a verdade e outros -- tão mais numerosos!... - que a deturpam, ou a combatem, ou a escondem. Uma biblioteca oferece mil sugestões enganadoras, enquanto "oculta" (pela dificuldade da pesquisa, pelo menos) a única verdade. Ninguém pode, pois, entrar sem guia no labirinto de uma biblioteca. Antes de nela entrar, é preciso saber o que nela se vai procurar. E só se conseguirá encontrar o caminho na biblioteca, se aquele que nela entra se deixar conduzir pelo amor da Verdade.

b - A biblioteca-labirinto de *O Nome da Rosa*

O livro de Eco tem por palco e centro de seu enredo a biblioteca de uma grande abadia medieval.

Para tornar mais patente sua idéia de que todo livro e toda biblioteca são labirintos, Eco fez com que a biblioteca da Abadia estivesse instalada em um edifício em forma de labirinto, onde as salas criavam caminhos confusos e onde, no local mais recôndito, alguém escondera um livro misterioso: o segundo livro da Poética de Aristóteles, que supostamente tratava da comédia e do riso.

c - A biblioteca e o mundo

Mais ainda. O labirinto da biblioteca da Abadia fora feito conforme a imagem do mundo conhecido pelos medievais. Cada sala sendo designada por uma letra, as letras de um conjunto de salas formavam o patronímico de um país ou de uma região. Por exemplo, as salas designadas com as letras A, N, G, L, I, reuniam os autores ingleses.

Tanto quanto o mundo, a biblioteca era um labirinto, cheio de segredos e caminhos falsos, onde era quase impossível encontrar o único caminho verdadeiro, aquele que conduzia ao labirinto final, onde se guardava o livro labiríntico que não deveria ser conhecido nem lido. Eco diz que a biblioteca fora feita com os mesmos números com que Deus fizera o mundo. Ela era uma imagem do mundo (Cfr.R.35-36). "Pois a arquitetura é dentre todas as artes a que mais ousadamente busca reproduzir em seu ritmo a ordem do universo, que os antigos chamavam Cosmos (...) E seja louvado Nosso Criador que, como diz Santo Agostinho, estabeleceu todas as coisas em número, peso e medida" (R,41). Há ainda outras passagens em que o autor de **O Nome da Rosa** afirma de modo explícito a correspondência entre a biblioteca da Abadia e o mundo.

"Quer dizer que o traçado da biblioteca reproduz o mapa do mundo?" pergunta Adso. (R.359).
E, pouco depois:

"Quando mais tarde, acabamos definitivamente de estudar o mapa, convencemo-nos que a biblioteca era realmente constituída e distribuída segundo a imagem do globo terráqueo". (R.366).

E ainda: "A biblioteca é um labirinto?" "Hunc mundum tipice laberinthus denotat ille", recitou o ancião. Intransi largus, redeunti sed nimis artus". A biblioteca é um grande labirinto, signo do labirinto do mundo. Entrás e não sabes se sairás". (R. 187).

E, como todo labirinto, - incluindo a concepção gnóstica do labirinto do mundo- a biblioteca apresenta "o máximo de confusão somado com o máximo de ordem: cálculo sublime"(R. 235).

Constituída de livros-labirintos e construída como um labirinto, a biblioteca da Abadia era duplamente intrincada: sendo "labirinto espiritual, é também labirinto terreno"(R.55), ela "era ao mesmo tempo a Jerusalém celeste e um mundo subterrâneo no limite entre a terra desconhecida e os infernos"(R. 216).

Por meio de uma construção labiríntica, "a biblioteca defende-se por si, insondável como a verdade que abriga, enganadora como a mentira que guarda. Labirinto espiritual é também labirinto terreno. Poderíeis entrar e poderíeis não sair."(R.55). Ela "é testemunha da verdade e do erro"(R.156).

Desse modo, através da imagem da biblioteca, o autor insinua que o labirinto espiritual (o mundo dos livros) e o labirinto terreno (o mundo criado do qual falamos os livros), exprimem, no fundo e de modo velado, a mesma verdade e oferecem as mesmas enganadoras mentiras.

[4 - O mundo é um livro](#)

Para reforçar a relação Biblioteca-Mundo-Labirinto, Eco lembra, citando Adam de Lille, que, na Idade Média, o próprio mundo era visto como um livro: "Meu bom Adso, disse meu mestre (Frei Guilherme de Baskerville), durante toda a viagem tenho te ensinado a reconhecer os traços com que nos fala o mundo como um grande livro. Allain das Ilhas (Sic, na tradução) dizia que

*"Omnis mundi creatura
quasi liber et pictura
nobis est in speculum"(R.38)*

(Toda criatura do mundo, como se fosse um livro ou pintura, é para nós como um espelho)

Essa era uma idéia freqüente nos pensadores medievais. Hugo de S. Victor e São Boaventura falam do mundo como poema. São Boaventura ensina que Deus escreveu dois livros: o primeiro foi o mundo; o segundo, a Bíblia. O mundo seria um livro porque Deus, ao criar cada coisa, dizia uma palavra. "Faça-se a luz", disse Deus, e a luz passou a existir. Assim, cada ser criado corresponde a uma palavra de Deus, e o mundo é, então, um conjunto de palavras divinas encarnadas na matéria. Ora, um conjunto tão grande de palavras forma um livro, e o Universo é, portanto, um bellissimo poema. (Cfr. S. Boaventura, **Brevilóquio**, II Rom. 12, prólogo, 4,4).

A diferença entre os pensadores católicos e os gnósticos a respeito do mundo está em que, para os gnósticos, o mundo oculta labirinticamente a verdade e oferece mentiras enganadoras, enquanto para os católicos, o mundo é um livro legível e facilmente inteligível. Para a Gnose, o mundo é um livro-labirinto enganador, concebido pela mente malvada e mentirosa do demiurgo. Para o católico, o mundo não só fala, mas proclama e canta um hino à glória de Deus. E só não ouve esse cântico, só não compreende esse poema, quem não tem "l'occhio chiaro e l'afetto puro", como diz Dante (**Divina Comedia**, Paradiso, VI,87).

Daí o otimismo realista e a alegria do pensador católico ao contemplar o mundo, expressos, por exemplo, no **Cantico delle Creature**, de S. Francisco de Assis, que contrasta, per diametrum, com o pessimismo da cosmovisão gnóstica. É por essa razão que Adso exclama, ao sair do labirinto da biblioteca; "Como é belo o mundo, e como são feios os labirintos!" Ao que lhe responde Frei Guilherme: "Como seria belo o mundo, se houvesse uma regra para andar nos labirintos"(R.209). Porque, para o racionalista e nominalista Frei Guilherme de Baskerville, típico representante da decadência medieval, o mundo já não era um livro legível. É o que repetia seu discípulo Adso, no final de sua vida:

"Videmus nunc per speculum et in aenigmate (Agora vemos por espelhos e em enigma) e a verdade, ao invés de cara a cara, manifesta-se deixando às vezes rastros (ai! quão ilegíveis) no erro do mundo(...)"(R.21).

A Idade Média decadente, representada por Frei Guilherme, já não era capaz de contemplar, nem de ler o livro do mundo. A Idade Média já não tinha então o "occhio chiaro" da Fé, nem o "afetto puro" da caridade.

[5 - Biblioteca, História e labirinto apocalíptico](#)

A biblioteca, "reservatório do saber humano"(R.217), contém também a história da humanidade. Ora, nada mais labiríntico do que a História, na qual o fio condutor da Providência divina traça seu plano no tempo, através das constantes contradições que sofre por parte do livre-arbítrio humano. Mais. Ela escreve seu plano providencial original utilizando precisamente esse mesmo arbítrio humano sem jamais violentá-lo. Sem jamais forçá-lo, tirando o bem até mesmo do mal, Fazendo a verdade brilhar nas trevas do erro, e a virtude se destacar contra o

fundo tenebroso dos crimes. Só consegue sair do labirinto da História, compreendendo-a, quem se deixar guiar pelo Amor a Deus.

E, para que serve o conhecimento da História senão para melhorar o presente, prever o futuro pelo conhecimento dos erros do passado? A História permite, até certo ponto, prever o que a Profecia faz misteriosamente vislumbrar. Nenhuma biblioteca, pois, estará completa se não contiver em suas estantes o livro da Revelação - o Apocalipse - que contém a história do futuro. É por isso extremamente lógico que Eco tenha imaginado o labirinto de sua biblioteca cifrado com os versículos do Apocalipse, e que tenha posto, logo na entrada da biblioteca da Abadia o primeiro versículo do Livro da Revelação: "Apocalypsis Jesu Christi" (Revelação de Jesus Cristo) (R.199).

[6 - Maldade ou bondade da biblioteca da Abadia](#)

Como Eco apresenta a biblioteca de sua Abadia ?

Para responder a essa questão é preciso antes distinguir entre a biblioteca do ponto de vista histórico e a biblioteca enquanto símbolo. Historicamente, aquela biblioteca teria existido antes que a Abadia. O que exprime a idéia de que a Igreja Católica teria se aproveitado do saber humano acumulado antes de sua fundação e expansão, e teria alterado os fins a que tal saber se destinava. É o que Eco afirma através de Adso: "(...) logo me dei conta de que ele (o edifício da biblioteca) era muito mais antigo que as construções que o rodeavam, nascido talvez para outros fins, e que o conjunto abacial fora se dispendo ao redor dele em tempos posteriores, mas de modo que a orientação da grande construção se adequasse à da Igreja, ou esta àquela". (R.41).

Simbolicamente a biblioteca tem vários sentidos:

a - A biblioteca - conservatório da sabedoria humana

A biblioteca da Abadia existia, pois, antes que a Igreja e continha todo saber acumulado pela Antigüidade. A Igreja Católica se apropriara do edifício antigo, passando a usá-lo para seus fins e não mais para os fins originais. Enquanto a Antigüidade visava crescer no saber, conforme Eco, a biblioteca da Abadia "não era como as outras"(R.51). Num mundo considerado em decadência e em marcha para a morte, a missão da Abadia, isto é, a da Igreja, era a de "oporse a essa corrida rumo ao abismo, conservando, repetindo e defendendo o tesouro da sabedoria que nossos pais nos confiaram", como afirma o abade a Frei Guilherme(R.53- O sublinhado é nosso).

Note-se que o abade não usa o termo investigando. A Igreja, na Idade Média, teria tido apenas a preocupação de conservar, de repetir e defender o que a humanidade aprendera, não permitindo a investigação e o progresso intelectual.

b - A biblioteca como depósito de um saber reservado e controlado

Diz o abade Abbone que nem todos os livros da biblioteca podiam ser lidos pelos monges. Do catálogo de livros, o monge podia requisitar qualquer um, mas sua requisição devia ser submetida ao juízo do Abade que permitiria ou não sua leitura.

Abbone dá três razões justificando essa conduta. Em primeiro lugar, porque "nem todas as verdades são para todos os ouvidos, nem todas as mentiras podem ser reconhecidas como tais por uma alma piedosa, e os monges, por fim, estão no scriptorium para levar a cabo uma obra precisa para a qual devem ler alguns e não outros volumes, e não para seguir qualquer insensata curiosidade que porventura os colha, quer por fraqueza da mente, quer por soberba, quer por sugestão diabólica"(R.54). É o que aconselha a prudência.

A segunda razão dada por Abbone explica porque eram conservados os livros maus: "É que assim como Deus permite a existência de monstros, assim existem por desígnio divino também os livros maus dos magos, as cabalas dos judeus, as fábulas dos poetas pagãos, as mentiras dos infiéis. Foi firme e santa a convicção daqueles que quiseram e sustentaram esta Abadia durante os séculos, de que mesmo nos livros mentirosos pode transparecer aos olhos do leitor sagaz uma pálida luz da sapiência divina. E, por isso, também para eles, a biblioteca é escritório. Mas, justamente por isso, compreendeis, ela não pode ser penetrada por qualquer um"(R.54).

Finalmente, uma terceira razão, de ordem prática, ainda hoje aplicada por qualquer biblioteca que possua manuscritos preciosos e raros: o valor e a fragilidade desses documentos desaconselham que eles sejam manuseados por qualquer um.

Por essas três razões, na biblioteca da Abadia só podiam entrar o abade, o bibliotecário e seu auxiliar.

c - A biblioteca como túmulo de um saber secreto

Entretanto, a biblioteca tinha um segredo desconhecido até pelo próprio abade Abbone, o qual "nunca chegou a entender exatamente quais eram os tesouros e os fins da biblioteca"(R.572).

Por fechar num túmulo um saber que queria manter secreto, a biblioteca de **O Nome da Rosa** é apresentada como símbolo de uma Igreja conservadora, mestra desconfiada e temerosa que proíbe conhecer certas doutrinas, e que desejaria impedir qualquer progresso intelectual e material, a fim de manter o seu domínio sobre o mundo. Por essa razão, Eco, através de uma das máscaras que quis adotar (Cfr. P.20) a condena:

"Esta biblioteca talvez tenha nascido para salvar os livros que contém, mas agora vive para sepultá-los. Por isso tornou-se fonte de impiedade"(R.449).

Eco não tem sequer certeza de que a Igreja primitiva e dos Padres tivesse querido realmente salvar e conservar o saber da Antigüidade, Daí o 'talvez' do texto. Mas, mais tarde, de todo modo, a corrupção da Igreja teria transformado a biblioteca, fonte de saber e de virtude, em fonte de impiedade.

Ora, essa tese de que a Igreja, originalmente boa, se corrompeu, é comum a inúmeras seitas heréticas surgidas no final da Idade Média. Espirituais, Fraticelli, Dolcinianos, Irmãos do Livre Espírito, Cátaros, Begardos, Valdenses, Gibelinos, Fedeli d'Amore, todos acusavam a Igreja de ter se corrompido ao aceitar a doação de Constantino. Contra uma Igreja rica e poderosa, dogmática e cristalizada em uma estrutura hierárquica, defendiam a idéia de uma Igreja pobre, espiritual, sem dogmas e sem estrutura, ecumênica e igualitária. Exatamente como a que defende hoje a Teologia da Libertação.

Dante, que foi amigo dos gibelinos e membro dos "Fedeli d'Amore", descreveu, no canto XXXIII do seu Purgatório, a transformação do carro da Igreja, que antes transportava Beatriz (aquela que traz a beatitude), num carro deformado pelos dons do poder imperial, sobre o qual passa a ser levada uma meretriz. E Petrarca, ele também um Fedele D'Amore, assim falou da Igreja num célebre soneto:

*Fontana di dolori, albergo d'ira,
Scola d'errori, e tempio d'eresia:
Già Roma, or Babilonia falsa e ria
Per cui tanto si piange e si sospira
(...)
Fondata in casta ed umil povertate
Contra tuoi fondatori alzi le corna (...)*

(Fonte de dores, albergue de ira,
escola de erros, e templo de heresia;
Outrora Roma, agora Babilônia falsa e pecadora
Por cuja culpa tanto se chora e se suspira
(...)
Fundada em casta e e humilde pobreza
Contra teus fundadores levantas teus chifres...

(Petrarca, **Canzoniere**, Soneto XVI, Ariani, Firenze, 1927).

Frei Guilherme de Baskerville condena então a Biblioteca da Igreja na Idade Média:

"Então uma biblioteca não é um instrumento para divulgar a verdade mas para retardar sua aparição? (pergunta aflight Adso de Melk). Ao que Frei Guilherme responde: "Não sempre e não necessariamente. Neste caso é". (R.330- O sublinhado é nosso).

A Igreja, diz a obra de Eco, conservava o saber antigo, mas impedia que ele estivesse ao alcance de todos. O saber, assim, tornava-se o apanágio de um grupo que, com o seu controle, dominava a multidão ignorante. O resultado é que o saber se tornava aristocrático, reservado, e, em extremo, secreto, esotérico.

"A biblioteca é reserva de saber, mas pode manter esse saber intacto somente se impedir que ele chegue a qualquer um, até aos próprios monges."(R.217). A biblioteca feita como um labirinto, "não se abria ao risco do conhecimento"(R.218). "A ciência usada para ocultar ao invés de iluminar. Uma mente perversa preside a santa defesa da biblioteca"(R.206). Tal mente perversa que regia a biblioteca-labirinto da Abadia, fez dela "um lugar onde os segredos permanecem encobertos"(R.121) e não um meio para revelar os segredos da natureza e da História, a fim de servir ao bem estar material ou natural da humanidade.

d - A biblioteca, símbolo de um mundo essencialmente mau

Vimos que a biblioteca da Abadia fora construída como um labirinto e que suas medidas e partes divisórias representavam o mundo como era conhecido na Idade Média.

Ora, a representação do mundo como um labirinto enganador é típica do pensamento gnóstico, que considerava o demiurgo criador como o autor de um mundo mau. De modo análogo, a "biblioteca" da Igreja medieval teria sido organizada e dominada por uma mente perversa e diabólica. Assim Eco, em seu livro, procura identificar o catolicismo medieval, ou pelo menos uma parte bem representativa dele, com a Gnose.

Parece que, para ele, o pensamento humano - como um pêndulo- só pode estar ou no extremo do racionalismo -no qual ele inclui São Tomás (cfr. P. 18 e R. 532)- ou no extremo oposto da Gnose irracionalista. Assim, na própria Igreja, como em toda a História, haveria uma luta apenas entre racionalistas naturalistas, que querem construir o Reino neste mundo, a Utopia, e místicos gnósticos, inimigos da razão, e que sonham com a volta ao Éden original e a vinda do "Milênio". Nessa luta pendular não haveria uma posição própria do Catolicismo, que é atacado quer pela Gnose, quer pelo racionalismo panteísta.

Em **O Nome da Rosa**, o autor apresenta a biblioteca da Abadia - isto é, o saber da Igreja na Idade Média- dominada pelo perverso e místico Jorge de Burgos, um inimigo do pensamento racional de Aristóteles e São Tomás. A ele se opunham os que desejavam a liberdade do saber e da investigação intelectual, teses típicas do nominalismo medieval e do racionalismo moderno, representados no livro por Frei Guilherme de Baskerville. Essa luta é a chave que explica todos os mistérios da Abadia e de sua biblioteca, desde os primeiros homicídios até o

assassinato do abade que adere ao racionalismo, passando pelas lutas entre hereges e Inquisição, entre o Papa e o Imperador, para culminar no incêndio da biblioteca e da Abadia, isto é, do mundo e da Igreja.

[7 - A Abadia, o mundo e a História](#)

A Abadia criada por Eco simboliza, ela também, o mundo medieval e o próprio universo. Vimos que, conforme diz o autor, a arquitetura é imagem do universo dado que ambos são feitos, para usar as palavras da Escritura, "com peso, número e medida" (Sab. XI, 21; R. 41).

Que a Abadia foi imaginada por Eco como um símbolo da época medieval e do próprio mundo, assim como da História, ele mesmo o diz:

"Esta abadia é de fato um microcosmo, quando tivermos aqui delegados do Papa João e de Frei Michele estaremos completos", comenta Frei Guilherme (R.229), ao notar que na Abadia se reuniram representantes de todo o mundo medieval, então em conflito.

Por outro lado, todas as instituições e estados sociais da época estavam representadas na planta da Abadia.

Em primeiro lugar, convém analisar o modo como é apresentada a igreja abacial, pois esse edifício simboliza a própria Igreja Católica, na Idade Média. Eco distingue na construção do edifício religioso duas igrejas, feitas em dois diferentes estilos. A primeira, mais antiga, é uma construção românica, sóbria, solidamente plantada no chão da montanha, mais larga do que alta, para ter mais estabilidade, e encimada por ameias quadradas.(R57). Essa igreja antiga construída sobre a pedra (sobre Pedro), quase sem adornos, representa evidentemente a igreja primitiva que os sectários - Espirituais, Fraticelli, etc com o aplauso de Frei Guilherme - Eco - consideravam a verdadeira igreja de Cristo, igreja pobre, sem riquezas materiais, sem estruturas, uma pura igreja espiritual, que depois se corrompera ao ter aceitado a doação de Constantino, no século IV. Começara aí - segundo a opinião herética - a transformação da igreja pobre naquela que os Bispos seguidores do Vaticano II chamam de Igreja constantiniana.

Essa nova igreja subornada pelos donativos do Estado Romano, rica, cheia de adornos, materializada em suas estruturas, petrificada em seus dogmas, é simbolizada pelo segundo edifício, construído sobre a igreja românica. Eco a descreve como "enriquecida", "com um excesso de ornamentos" e com "uma agulha ousadamente apontada para a abóboda celeste"(R.57).

Na entrada da igreja abacial, Adso e Frei Guilherme se detêm contemplando o tímpano esculpido em estilo românico. Nele se representa a visão do trono de Deus de Ezequiel - visão que interessou sobremaneira o misticismo gnóstico hebraico (Cfr. G.G. Scholem, **A Mística Judaica**, Perspectiva, S. Paulo,1972, 46-81, trad. de **Major trends in jewish mysticism**) - e o juízo final em que Cristo julgará os vivos e os mortos, levando os bons para o céu e

condenando os maus ao fogo eterno(R.57-63). Nesse tímpano estavam representados ainda os sete pecados capitais (R.61), utilizando-se os mesmos números cheios de significados místicos que aparecem no Apocalipse, e procurando-se obedecer às leis de estética medieval que mandava harmonizar o uno e o múltiplo, o unívoco e o equívoco (R60).

Enquanto contemplava esse tímpano apocalíptico, o jovem Adso tem um êxtase místico e conclui: "Foi então que compreendi que de outra coisa não falava a visão, senão do que estava acontecendo na Abadia (...) e compreendi que subíramos ali para sermos testemunhas de uma grande e celestial carnificina"(R.63- O sublinhado é nosso).

Ora, o Apocalipse narra a História da Igreja neste mundo, e Adso compreende que nele se retratam também os fatos da Abadia. Portanto, o que se passa na Abadia é uma parábola do que ocorria naquele tempo na História e do que ia ocorrer no futuro, visto que a Abadia representava a Igreja. O próprio autor dá aval a essa interpretação pela boca de Jorge de Burgos: "(...) o que acontece entre estes muros outra coisa não encobre senão as próprias vicissitudes do século em que vivemos. (...) temos diante dos olhos, a cada dia, no grande anfiteatro do mundo e na imagem reduzida da abadia, as catástrofes precursoras da vinda do Anticristo" (R.453-454).

Pode-se dizer, então, que os fatos narrados em **O Nome da Rosa** pretendem ser uma parábola da História do mundo.

O poder na Abadia tinha sede na igreja, mas ele se exercia através do controle do saber, isto é, do controle da biblioteca-labirinto. Assim também a Igreja Católica dominaria o mundo medieval por meio do controle do saber e do estudo.

Simbolicamente, Eco situa o cemitério da Abadia entre a igreja abacial e a biblioteca. Entre a religião e o saber, estava a morte. Dois caminhos levavam de uma a outra, da igreja à biblioteca, da religião ao saber. O primeiro, que era visível, passava por entre os túmulos. O segundo, caminho subterrâneo, secreto, passava por entre os mortos. O enigma da morte permitia entrar no labirinto, fornecia a chave de sua entrada, mas não a de seu segredo mais recôndito. E os monges "eram dominados pela biblioteca, por suas promessas (o céu) e por suas proibições (os mandamentos)" (R.216).

Analogamente, através do medo da morte e do que havia no além, a Igreja Católica dominava o mundo medieval, ao controlar o estudo e o saber, controlando os segredos e os labirintos da biblioteca do saber humano.

Tanto a igreja medieval quanto a biblioteca eram guardadas por um cinturão de muralhas, símbolo do poder militar, a Nobreza, a serviço da Igreja. No recinto da Abadia havia ainda as oficinas dos artesãos que trabalhavam para os monges e para a Igreja, enquanto fora, longe, montanha abaixo, estendiam-se os campos lavrados pelos camponeses, servos da Abadia, enriquecida pela exploração de seu trabalho, segundo a visão marxista que Eco repete. Clero, Nobreza e Povo estão simbolizados na Abadia. Só não estão presentes, em símbolo, os comerciantes, dos quais se fala como os novos inimigos do poder monacal, e que se haviam estabelecido nas cidades. (R.150-151).

Nem mesmo os hereges medievais foram esquecidos por Eco, que os faz presentes por meio das figuras de Ubertino di Casale - apresentado de modo bastante simpático, apesar de seu misticismo - e dos Dolcinianos, nas pessoas do pobre provedor Remígio e de seu auxiliar, o pitoresco, apesar de sinistro, Salvatore. Eco mostra a heresia e os crimes como uma decorrência necessária do mundo medieval e da própria natureza, tal qual ela é, e os simboliza no esterco que escorre da Abadia emporcalhando a pureza da neve. Assim como da Abadia se divisava "uma baba de detritos escorrer pelas escarpas do torreão meridional, enfeando a neve"(R.38), assim também Eco descreve os hereges "como um lodo que escorria pelas veredas de nosso mundo" (R.222).

É bem claro que a descrição dos detritos da Abadia como lodo do mundo, salienta aspectos negativos da realidade, revelando a revolta ante a existência de misérias atuais da natureza. E a revolta contra essas misérias e males é o primeiro passo no caminho da revolta metafísica, que é a Gnose.

Em síntese, **O Nome da Rosa** representa o mundo na Abadia e em sua biblioteca, e pretende narrar parabolicamente a História, através dos acontecimentos que nela se desenrolam. Nesse mundo labiríntico, desenvolve-se uma história labiríntica, cujo significado as diversas Filosofias da História buscam esclarecer.

CAPÍTULO III O LABIRINTO DA HISTÓRIA

Do ponto de vista natural, a História, como todo labirinto, esconde seu caminho real e apresenta aos olhares dos homens uma multidão de caminhos falsos, que as ilusões, os erros e os vícios humanos consideram ilusoriamente como verdadeiros.

Somente no Juízo Final saber-se-á qual foi o caminho traçado pela Providência entre o Éden e o Paraíso celestial. Até lá, pode-se apenas vislumbrar esse caminho através das luzes da Filosofia cristã da História. Mesmo com o auxílio da Revelação, o percurso desenhado por Deus na História - caminho certo por linhas tortas - nos parece pouco claro enquanto vivemos. E, no entanto, ele foi traçado por Deus para conduzir o homem ao céu e para sua maior glória. E é bem falsa a opinião expressa por Eco de que a História conduz ao Nada.(Cfr. R.562).

Vimos que o autor de **O Nome da Rosa** procura simbolizar a História nos acontecimentos da Abadia. Ora, no enredo do livro, podem-se distinguir várias séries de acontecimentos de natureza diversa, que se imbricam uns nos outros, formando o que ele chama de labirinto maneirista (Cfr. P. 46), caso conduzam a um fim, ou rizoma, caso não levem a lugar nenhum.

Todos os labirintos menores do enredo do livro se entre relacionam para constituir o labirinto global da obra, símbolo do grande labirinto da História. Cada labirinto, isolado dos demais, conduz a um beco sem saída, ou melhor, a um outro labirinto ainda mais complicado e mais

profundo. Cada um, isolado, é um falso caminho. Um só é o caminho verdadeiro, mas ele só pode ser encontrado se levados em conta os falsos, por menos importantes que sejam. E estes só se explicam com a chave do caminho real do labirinto mais profundo.

Na história relatada por Eco, podemos distinguir as seguintes séries de acontecimentos, símbolos dos diversos labirintos constitutivos do grande labirinto da História.

[1 - O labirinto dos eventos](#)

As pequenas tragédias, os acidentes, as pequenas lutas, triunfos e derrotas, os crimes, as doenças, enfim, os fatos ocasionais do cotidiano, de per si, não determinam, nem explicam a orientação do curso da história. Entretanto, seu encadeamento pode provocar, sem intencionalidade, mudanças profundas. Eles não explicam a História, mas só podem ser compreendidos inteiramente à luz dela.

Eco representa tais eventos na seqüência de passionais ocorridos na Abadia. Ele confessa que escolheu eventos de natureza policial para melhor despistar os leitores ingênuos e superficiais que, arrastados pela narrativa dos crimes e de suas pistas, se vêem num intrincado e misterioso labirinto. Os crimes não explicam o mistério da Abadia, assim como os eventos cotidianos não explicam a História. Pelo contrário, é a História que explica os eventos individuais diários. É o mistério mais profundo da Abadia que explica os crimes.

[2 - O labirinto religioso](#)

Subtilmente o leitor ingênuo é levado a suspeitar de que os crimes passionais foram praticados por razões religiosas pelos hereges infiltrados na Abadia. Eco monta um emaranhado intrincado de heresias em que se misturam Espirituais, Fraticelli, Dolcinianos, Irmãos do Livre Espírito, Cátaros, Beguinos, Valdenses, Flagelantes, Pastoureaux, etc, e no qual Adso - e o leitor comum, desconhecedor da História da Igreja - se perde com facilidade. Tal é a complexidade da luta entre a Igreja e as seitas, entre inquisidores e hereges, que Eco leva o leitor a pensar que ortodoxia e heresia se equívalem, e que suas disputas, apresentadas como bizantinas ridículas, são meros pretextos para a Igreja manter o seu domínio sobre o rebanho e melhor explorá-lo economicamente.

A questão ortodoxia -- heresia seria apenas uma camada superficial da História bastando cavar um pouco para descobrir, subjacente às questiúnculas teológicas, o problema econômico

[3 - O labirinto econômico](#)

Pastores e cães de guarda (Clero e Nobreza medievais) lutariam entre si na Idade Média,

procurando obter as maiores vantagens na exploração das ovelhas do rebanho (o povo). As seitas heréticas medievais teriam sua gênese na exploração e marginalização de grupos sociais inferiores. Quando um grupo se tornava por demais poderoso, a Igreja legitimava suas opiniões religiosas, a fim de absorvê-lo.

Esta apresentação marxista da luta entre heresia e ortodoxia não explica porém tudo. Ela conduz a um labirinto mais profundo que é a luta pelo poder na sociedade medieval.

[4 - O labirinto do poder político](#)

Eco toma a luta entre o Papa João XXII e o Imperador Luís II da Baviera - cujas embaixadas se encontram na Abadia - como paradigma da luta entre Igreja e Estado pelo controle da sociedade na História. Papado e Império utilizavam as riquezas, as disputas teológicas, e até os menores eventos quotidianos para mutuamente se combaterem e adquirirem o controle absoluto do poder na sociedade medieval. Nesse combate, utilizava-se também a tática da infiltração na cidadela inimiga. Daí este labirinto político conduzir a outro, mais profundo, que seria o do controle do poder na Igreja.

[5 - O labirinto eclesiástico](#)

Na Abadia, tomada como exemplo parabólico do mundo e de sua História, desenvolve-se uma luta acirrada pelos cargos de domínio. Disputa-se o posto de abade, o de bibliotecário e o de auxiliar de bibliotecário. Surgem facções. No momento focalizado pela narrativa, o abade, embora italiano, entregara os cargos-chaves a monges estrangeiros. A facção dos monges italianos não se conformava com isso, pois pretendia que uma Abadia em terras da Itália fosse governada apenas por italianos.

Além disso, os italianos não se resignavam com a decadência em que caíra a Abadia. Pretendiam fazer algo para deter essa perda de poder e de influência na sociedade, mas dividiam-se quanto à melhor solução para o problema.

Estas disputas são símbolo dos embates pelo domínio do Papado - mesmo nos dias de hoje - entre as diversas facções eclesiásticas, conservadoras, tradicionalistas, progressistas. Luta-se para que seja eleito Papa um candidato de determinada linha doutrinária. Portanto, a luta pelo poder pontifício e pelo controle das Congregações vaticanas - especialmente pela atual Congregação da Doutrina da Fé, o ex-Santo Ofício, controladora do saber na Igreja - se encaixam num outro problema: o doutrinário.

[6 - O labirinto doutrinário ou do saber](#)

Neste ponto concentram-se as questões mais complexas focalizadas pelo **O Nome da Rosa**. No tempo em que transcorre o romance - início do século XIV - registravam-se grandes controvérsias filosóficas. A questão dos universais, mais do que nunca, agitava as Universidades. Realistas platonizantes, nominalistas seguidores de Guilherme Ockham, e realistas moderados, como os aristotélico-tomistas, se digladiavam nas cátedras universitárias. O triunfo de uma dessas correntes implicaria em transformações profundas na Igreja, no Estado, na Sociedade, na Cultura e na Ciência. Era o futuro da civilização e da humanidade que estava em jogo.

Entretanto, nessa luta doutrinária, punham-se em foco questões muito variadas e complexas, entre as quais citamos:

- Existe a verdade? Pode o homem conhecê-la com certeza ? - É conveniente dar a conhecer toda a verdade ? E a todos ?

- Deve-se permitir completa liberdade nas questões do saber? Deve-se, pelo contrário, controlar o conhecimento? Quem deve controlá-lo ?

Estas questões conduzem a um outro labirinto: o da alma humana. Considerando a natureza do homem, aquilatando o real valor da razão, encontrar, então, qual o verdadeiro meio para alcançar a ciência e a sabedoria.

[7 - O labirinto da alma](#)

Depreende-se da apresentação de Eco, que na História haveria apenas duas tendências: a racionalista e a mística, a edipiana e a tirésiana. A primeira defende a tese de que a razão humana, sem a graça e sem a Fé, é capaz de resolver todos os mistérios da natureza e de solucionar todos os problemas. A segunda nega qualquer valor à razão e afirma que a natureza mais íntima do ser não precisa de controle algum, porque é divina, e que tudo que é material é também intrinsecamente mau, devendo ser repudiado e não compreendido ou controlado. Eco nem cita a terceira posição possível, que é a de São Tomás e da Igreja Católica, segundo a qual a razão é boa, mas não entende tudo, necessitando da Fé e da graça; e que, de outro lado, aceita a bondade da criação material e nega a divindade do espírito humano, condenando todo misticismo gnóstico.

Os racionalistas pretendem que a razão humana, sendo capaz de entender absolutamente todas as coisas, todo mistério será descerrado e todo mal será vencido pela Ciência e pela Técnica que, com o tempo, criarão a Utopia. Esta é, pois, uma tendência naturalista, cientificista e otimista.

A ela se opõe, no extremo oposto, a tendência mística que considera a razão humana enganadora e má. Pela razão tudo é definido, e, ao definir as coisas, a razão tudo separa, tudo isola, impedindo a compreensão do todo, destruindo a possibilidade de união de todos os seres numa divindade misteriosa que tudo englobaria. O estilhaçamento do universo realizado pelos conceitos racionais aniquilaria o Todo divino. Como já mostramos, essa é uma tendência gnóstica, que vê o universo material como produto de um Deus mau. Radicalmente pessimista, essa tendência para a Gnose mística condena o mundo e a razão, a carne e a Ciência, a mulher e o riso, o progresso e a vida.

Repetimos: Eco descreve a História como se só pudessem existir essas duas posições. Ele nem cita a posição católica que se opõe a essas duas correntes.

Essas duas tendências, antagônicas entre si e ambas opostas ao pensamento tomista, tem como símbolos típicos Édipo e Tirésias. No livro **O Nome da Rosa**, a corrente racionalista - panteísta é representada e defendida por Frei Guilherme de Baskerville, discípulo e amigo de Guilherme de Ockham, enquanto a corrente místico - gnóstica é representada pelo monge bibliotecário cego, Jorge de Burgos. eles lutam pela posse do II livro da Poética de Aristóteles, que trataria da comédia e do riso. Em torno dessa questão é que giram todos os demais problemas: o do saber; o do poder na Igreja; o da luta entre o papado e o Império, entre a Igreja e o Estado; o problema da chamada exploração econômica; a luta entre ortodoxia e heresia; enfim, o problema dos crimes passionais ocorridos na Abadia. Em outras palavras, toda a História do mundo teria por ponto axial a luta entre os racionalistas panteístas e os místicos gnósticos, excluída inteiramente a posição da Igreja Católica e do tomismo, que Eco insinua coincidir às vezes com a do gnóstico Jorge de Burgos, outras vezes com o racionalismo.

Nesse conflito, os místicos gnósticos, dominados por seu irracionalismo fanático, estão dispostos a antes incendiar o mundo e a destruir a humanidade do que permitir o triunfo dos racionalistas, continuamente dominados "pela cobiça das coisas novas", como Eco diz duas vezes, citando em italiano as palavras iniciais da encíclica **Rerum Novarum**: "*Rerum Novarum cupidine*" (R,217 e 522)

Por isso, Eco afirma, nas **Postille**, ser necessário que o romance terminasse com o incêndio da Abadia. Para não entregar o livro de Aristóteles sobre o riso ao racionalista Guilherme de Baskerville, para impedir que os racionalistas utilizassem o riso como arma para destruir a Igreja, o cego Jorge de Burgos prefere incendiar a biblioteca e a igreja abacial, microcosmo da época medieval, símbolo do mundo e de sua História.

Penetremos então, agora, nesses sucessivos labirintos de Eco a fim de melhor estudá-los.

CAPÍTULO IV **O LABIRINTO DOS EVENTOS**

Em uma abadia beneditina nos Alpes marítimos italianos, em 1327, chegam Frei Guilherme de Baskerville, um franciscano que se declara discípulo de Roger Bacon e amigo de Guilherme de Ockham, e o jovem Adso de Melk, noviço da ordem de São Bento. Frei Guilherme vinha como precursor da embaixada que o imperador Luís da Baviera tinha enviado para conferenciar com os representantes do Papa João XXII.

Já os nomes escolhidos por Eco para esses personagens são significativos. O nome Guilherme de Baskerville evoca, evidentemente o famoso conto policial de Conan Doyle **O Cão dos Baskerville**, o que associa o investigador dos crimes da Abadia, Frei Guilherme, a Sherlock Holmes. Tanto mais que seu acompanhante e discípulo, Adso, tem um nome consonante com o do Dr. Watson.

Mas não são apenas os nomes que lembram Sherlock. A própria descrição da pessoa de Frei Guilherme feita por Eco tem muito a ver com a figura do famoso detetive. Mais: são coincidentes até à cópia. Vejam-se, em paralelo, os textos de Eco e de Conan Doyle: